

# Uma entrevista com Dominique Merllié<sup>1</sup>

Recebido: 15.05.24

Aprovado: 20.06.24

Christophe Brochier<sup>2</sup>

(http://orcid.org/0000-0002-4148-7885)

Luciano Rodrigues Costa<sup>3</sup>

(http://orcid.org/0000-0001-9711-639X)

**D**ominique Merllié, nasceu em 1943 no Marrocos, completou o ensino médio em Neuilly antes de ser admitido na Escola Normal Superior (*Ecole Normale Supérieure* – ENS<sup>4</sup>). Após o concurso de professores (*agrégation*)<sup>5</sup>, ensinou sociologia na Universidade Paris I e na Universidade Paris 8. Associado desde o início da sua carreira ao movimento *bourdieusiano*, ele é principalmente conhecido pelo seu trabalho sobre a construção estatística nas ciências sociais e à mobilidade social. No entanto, os seus interesses foram e continuam a ser muito mais amplos. Pesquisou professores do ensino médio, a questão de gênero e a história das ciências sociais. Embora aposentado, ele é atualmente diretor da *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger* (*Revista Filosófica da França e do Estrangeiro*).

CB/LRC: Você é conhecido pelo seu trabalho no uso de estatísticas, mas a sua formação inicial é em matemática ou em sociologia?

DM: Nem uma, nem outra. Eu fiz *khâgne*<sup>6</sup>, então eu fiz letras, latim, grego, e quando eu finalmente voltei para a Escola Normal (ENS) eu fiz filosofia. Como eu tinha passado muito tempo em *khâgne*, eu aproveitei a oportunidade para obter certificados, então só faltava a psicologia para me formar em filosofia. Ao mesmo tempo eu obtive também um certificado de linguística geral em que aprendi algumas coisas, e depois o DES<sup>7</sup>. Depois disso eu me inscrevi no concurso para ser professor de filosofia (*agrégation*) em 1968. Os “eventos de 1968” aconteceram quando nós tínhamos acabado de terminar a prova escrita, por isso a prova oral foi suspensa. E eu estava militando pela eliminação da dualidade agregação/CAPES (Certificado de Aptidão para Professor do Ensino Médio – *Certificat d'aptitude au professorat de l'enseignement du second degré*), então nós tivemos uma reflexão sobre os concursos, o que me levou a ter um ponto de vista sociológico sobre a profissão de professor; e então eu encontrei Bourdieu. Ele e as pessoas próximas a ele distribuíam pequenos textos de 5, 6 páginas dedicados aos temas em que eles tinham trabalhado para alimentar a reflexão dos estudantes, por isso, no ano seguinte, eu

1. Realizada dia 14 de dezembro de 2023 no Centro Nacional de Pesquisa Científica (Centre National de Recherche Scientifique – CNRS), rua Pouchet em Paris.

2. Professor, Universidade Paris 8, laboratório CREDA (IHEAL-Paris III) Paris França.

3. Professor Associado Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa - Minas Gerais, Brasil.

4. Estabelecimento de ensino superior público que forma os pesquisadores e professores nas disciplinas literárias, científicas e tecnológicas.

5. Concurso de recrutamento de professores do ensino médio (e alguns do ensino superior). Durante muitos anos, a *agrégation* foi considerada como uma etapa importante para chegar ao doutorado.

6. Primeiros anos de ensino superior intensivo em literatura.

7. O diploma de ensino superior era necessário para se inscrever no concurso de professores (*agrégation*).

8. O Centro de Sociologia Europeia foi fundado por Raymond Aron em 1960 no âmbito da sexta seção da Ecole Pratique des Hautes Etudes (instituição francesa de ensino superior especializada em ciências da vida e da terra, ciências históricas, filológicas e ciências religiosas). Bourdieu foi o secretário geral até 1969, quando rompeu com Aron. Ele fundou o Centro de Sociologia da Educação e Cultura. É provavelmente deste centro que Merllié está falando. Ele não fez a distinção entre os dois laboratórios durante a entrevista.

9. Jean-Claude Combessie (1937-2010) foi um colega estudante de Passeron na ENS. Ele foi formado (agrégation) em letras em 1962 e depois ensinou sociologia como assistente e depois como professor assistente na Sorbonne. Membro do CSEC desde a origem, a sua tese de Estado (orientada por Georges Balandier) trata do campesinato na Andaluzia. Em seguida, ele ensinou como professor em Amiens e depois na Universidade Paris 8.

10. Na gíria da ENS, um “caimão” é um professor (agrégation) encarregado essencialmente de preparar os alunos para o concurso (agrégation). O termo é muitas vezes estendido a qualquer professor da ENS.

fui parar no centro de pesquisa de Bourdieu e Passeron<sup>8</sup>, pois eu tinha direito a um ano de pesquisa. Bourdieu queria que eu fizesse uma tese com ele sobre a Escola Normal Superior (ENS), o que eu nunca fiz, porque o assunto me interessava pouco. Na verdade, eu passei esse ano me formando em sociologia, já que eu não tinha estudado antes, e eu aprendi o que eu precisava, especialmente com Jean-Claude Combessie<sup>9</sup>, com quem trabalhei em uma pesquisa em grupo. Eu aprendi sociologia tentando ensiná-la, e Combessie, muito gentilmente, me ajudou, já que nós estávamos fazendo essa aula juntos, que era sobre métodos e enquetes.

CB/LRC: Mas o que fez você ir ao encontro de Bourdieu em vez de outros centros em Paris?

DM: Na verdade, quando eu fiz o meu certificado de moral e sociologia, um colega me aconselhou a ler *Les Héritiers* (Bourdieu; Passeron, 1964). Eu li e fiquei bastante impressionado. Mas eu me lembro que, para a prova oral deste certificado, eu me deparei com Passeron como examinador, que me fez uma pergunta cujo significado eu era incapaz de entender [risos]. É preciso dizer também que Bourdieu e Passeron tinham vindo fazer algumas conferências na Escola Normal (ENS), e eu tinha ficado impressionado com a arte deles de “duettistas”: cada um continuava as frases do outro como se houvesse apenas uma pessoa.

CB/LRC: O acesso a essa sociologia não lhe pareceu um pouco difícil para um iniciante?

DM: Eu me lembro que o estilo um pouco erudito dos *Héritiers* me irritou um pouco, mas eu encontrava elementos de reflexão úteis para analisar a situação da educação em 1968. E então, naquele ano, Chamboredon foi nomeado Caimão<sup>10</sup> de sociologia na ENS, e ele era visto na biblioteca com pilhas de livros que ele deixava nas mesas com o seu nome. Então, Chamboredon também foi um intermediário importante para mim.

CB/LRC: E como era a vida na CSEC na época?

DM: Havia um seminário regular, todas as semanas ou a cada quinze dias na Ecole des Hautes Etudes EHESS à noite, e havia um tema, alguém preparava a sessão. Eu me lembro, por exemplo, de ver quadros estatísticos de Choix du conjoint (GIRARD,

1964). Darbel<sup>11</sup> ainda ia um pouco naquela época. Tínhamos uma equipe muito unida, um grupo homogêneo de pessoas que se encontrava com muita frequência. Por exemplo, Testanière<sup>12</sup>, que vinha de Lille, dormia no centro na véspera do seminário... Bem, eu não fazia parte do núcleo central da equipe, mas na época eu tinha sido reformado no serviço militar e tinha tempo, então Bourdieu me deu um cargo de “chefe de trabalhos”<sup>13</sup> na Ecole des Hautes Etudes por um ano. Eu deveria coordenar um curso sobre pesquisa nas ciências sociais. Foi também nesse momento que eu comecei a investigar os professores do ensino médio com Chapoulie<sup>14</sup>.

CB/LRC: Então, naquele momento, você não procurou outro projeto de tese?

DM: Não, porque, na época, para se inscrever nas listas de aptidão para os concursos de professor-assistente<sup>15</sup>, podia se contentar em ser professor (agrégation). Então eu fui candidato. Eu quase fui para Lille, e no último momento Passeron me disse que Maurice Duverger<sup>16</sup> estava procurando alguém. Então eu fui chamado no escritório de Duverger. Nós falamos durante vinte minutos e pronto, não havia outras formalidades de concurso. Ele me deu um cargo. Era um cargo de Direito e eu tive dificuldade em transformá-lo em um cargo de Sociologia, mas funcionou. Foi no Departamento de Ciência Política. Duverger tinha criado o curso de Ciências Sociais, o que não interessava muito aos estudantes, mas eu lidei com isso, e logo ficou tranquilo quando aqueles que não queriam participar se foram.

CB/LRC: E foi aí que você conheceu Madeleine Grawitz<sup>17</sup>, a quem você prestou homenagem alguns anos depois em uma das suas publicações (MERLLIÉ, 1982)?

DM: Sim, eu estava na equipe dela. Estava indo muito bem. Madeleine Grawitz era uma pessoa muito sociável. Eu fiquei bastante tempo nesta equipe, especialmente porque a diretoria costumava tratar os assistentes como professores; então se nós dávamos palestras e poucas ou nenhuma aula de trabalhos práticos, nós tínhamos um horário muito flexível. Isso nos dava tempo para a pesquisa. Então, depois de alguns anos, a hierarquia voltou a se fazer sentir e eu pensei em mudar o meu status. Foi então que surgiu a habilitação para conduzir pesquisas, que era menos exigente do que hoje. Isso me permitia me candidatar a um cargo de professor no mesmo departamento. Eu não consegui o cargo, mas deixei o Departamento de Ciência Política para a AES [Administração Econômica e Social], e finalmente, um pouco mais

11. Alain Darbel (1932-1975) foi enviado à Argélia como estatístico durante o seu serviço militar. Nesta ocasião, ele colaborou na pesquisa de Bourdieu que resultou na obra *Travail et travailleurs en Algérie* (1963). De volta à França, ele está no INSEE (Institut national de la statistique et des études économiques – Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos), depois no Ministério da Educação e colabora em outras pesquisas de Bourdieu, incluindo *Les Héritiers* e *L'Amour de l'Art*.

12. Jacques Testanière (1936-2004): após uma tese de pós-graduação com Bourdieu, ele ensina sociologia e ciências da educação. Um dos seus principais interesses foi o estudo do movimento Freinet.

13. O Corpo dos chefes de trabalhos, criado em 1950, reunia professores (agrégation) ou doutores encarregados de trabalhos práticos sob a orientação de um professor.

14. Jean-Michel Chapoulie (1941-): professor (agrégation) de matemática, iniciou a sua carreira de professor nesta disciplina antes de se juntar ao centro de Bourdieu e ensinar sociologia na Universidade de Vincennes, que se tornará então a Universidade Paris 8. A sua tese de Estado foi dedicada aos professores do ensino médio. Em seguida,

ele se especializou em sociologia da educação e ensina como professor na Ecole Normale Supérieure (ENS) de Fontenay e depois na Universidade Paris I.

15. O corpo de professores assistentes foi criado em 1960 para aumentar o número de professores sem aumentar o número de professores das universidades. Professores de nível intermédio entre assistentes e professores, os professores-assistentes eram encarregados de cursos fora dos anfiteatros (trabalhos práticos, cursos em pequenos grupos etc.). Em 1984, este corpo se une com o dos antigos conferencistas para se tornar o corpo dos conferencistas do ensino superior.

16. Maurice Duverger (1917-2014) foi professor de direito constitucional na Faculdade de Direito da Universidade de Paris de 1955 a 1970 e depois fundou, com Madeleine Grawitz, o Departamento de Ciências Políticas da Sorbonne, onde ele ensina até 1985.

17. Madeleine Grawitz (1911-2008) foi professora (agrégation) em direito público e ensinou direito e ciência política na Universidade de Paris I até a sua aposentadoria. Ela se interessou por métodos sociológicos,

tarde, eu consegui um cargo de professor na Paris 8 em 1996.

CB/LRC: Voltando ao Chapoulie, como você chegou a trabalhar com ele sobre o tema do ensino médio?

DM: Darbel devia estar naquele momento no serviço de estatísticas da Educação Nacional e por isso ele sugeriu que o centro [de Bourdieu] fizesse uma pesquisa sobre professores. Bourdieu ofereceu este trabalho a Chapoulie e a mim. Darbel, por outro lado, participou fazendo a amostra de estabelecimentos em que se deveria trabalhar. Ele fez isso com grande sofisticação matemática. Mas, na prática, revelou-se impossível de usar. Em primeiro lugar, porque as suas ponderações não eram adequadas e corriam o risco de distorcer a amostra, e, em segundo, porque a lista de professores nos estabelecimentos escolhidos era a do ministério, por isso só havia os titulares. Ora, havia uma população de professores auxiliares, isto é, de professores contratados, que era considerável nas escolas do ensino médio. Então nós tivemos que escrever para todos os diretores de escolas em nosso arquivo para obter as listas completas de professores. A partir daí, nós fizemos um questionário sobre uma grande amostra de vários milhares de pessoas depois de entrevistar 150 pessoas, eu acho. Eu estava interessado nesta pesquisa porque correspondia ao tipo de perguntas que me levaram à sociologia. E isso nos ocupou por muitos anos, até que Chapoulie deixou o centro.

CB/LRC: E você ficou?

DM: Sim, fiquei. Chapoulie estava entediado do centro, mas eu não, pois de toda forma eu tinha uma posição bastante marginal. Eu não fazia parte do grupo mais ativo e podia trabalhar tranquilamente: eu ia quase todos os dias lá.

DM: E você teve relações com Darbel naquela época?

CB/LRC: Não, muito pouco. O papel principal dele além do plano de enquetes foi finalmente encontrar financiamento, porque foi uma grande pesquisa. Isso nos permitiu recrutar pessoas para fazer entrevistas, embora nós mesmo tenhamos feito muitas entrevistas. Havia também uma equipe de programadores trabalhando em três questionários, e era necessário monitorar esse trabalho de codificação. Foi aí que nós descobrimos como era difícil codificar as CSP (categorias socioprofissionais), o que nos ocupou muito.

CB/LRC: E o resultado final foi um relatório?

DM: Houve vários relatórios e um ou dois artigos (MERLLIÉ, 1971, 1974) (CHAPOULIE; MERLLIÉ 1975) (CHAPOULIE, 1974). Mas, quando Chapoulie foi embora, eu parei de trabalhar nesta pesquisa. Ele continuou e usou os dados para a tese de Estado dele (MERLLIÉ, 1987).

CB/LRC: E então é nesta ocasião que você adquiriu habilidades estatísticas?

DM: Absolutamente. Eu tinha feito um pouco de estatística no certificado de psicologia. Mas se não, não, nada além do que eu aprendi no trabalho.

CB/LRC: Chapoulie lhe ajudou?

DM: Não muito. Ele tinha ensinado matemática e já tinha publicado um artigo sobre a análise multivariada (CHAPOULIE, 1969), mas eu não tinha sido associado ao artigo.

CB/LRC: Então você é conhecido por ser um quantitativista, mas você é um autodidata neste tema.

DM: Sim, mas eu explicaria isso dizendo que eu gosto de tentar entender. Por exemplo, um dos meus primeiros artigos é um grande relatório dedicado a um livro feito por uma psicóloga sobre a mobilidade social (MERLLIÉ, 1975). Este trabalho me parecia muito delirante com qui-quadrado em quase todas as páginas. Então eu finalmente aprendi a calcular o qui-quadrado.

CB/LRC: Então, se voltarmos no tempo, nós estamos mais ou menos em 1974, você fica livre e trabalha no que lhe interessa segundo as suas leituras.

DM: Sim. Então, como parte da preparação para o concurso (agrégation), eu tive que fazer alguns cursos sobre a mobilidade social. Foi assim que eu comecei a me interessar por isso.

18. Actes de la recherche en sciences sociales é a revista dirigida por Bourdieu de 1975 até a sua morte em 2002, publicada pela MSH até 1992, depois por Le Seuil.

19. O estudo mostra como a codificação da CSP dos pais dos alunos é aleatória nos números fornecidos pelas universidades.

20. Alain Desrosières (1940-2013): administrador do INSEE. Foi primeiro designado para a divisão de estudo das empresas e depois para a divisão de emprego. É um dos principais artesãos da reformulação da nomenclatura das CSP. Em seguida, trabalhou no departamento de pesquisa do INSEE para estudar a história da estatística. Em 1997, é chefe da divisão de métodos comparados. Laurent Thévenot (1949-) é estatístico e sociólogo. No INSEE, ele contribuiu para a reformulação com Desrosières da nomenclatura das categorias socioprofissionais no final dos anos 1970. Ele desenvolveu com Luc Boltanski uma série de trabalhos sobre “as economias da grandeza”.

CB/LRC: E o seu texto sobre casamento e relações familiares?

DM: Então, isso é um subproduto do ensino. Eu estava ensinando métodos das ciências sociais no mestrado em ciências políticas. Uma das pesquisas nas quais eu coloquei os estudantes para trabalhar foi: Le choix du conjoint (A escolha do cônjuge). Eu também tinha sugerido que eles fizessem entrevistas. Um deles fez uma boa entrevista na aristocracia rural. Então nós publicamos em Actes<sup>18</sup>, eu fiz uma introdução (MERLLIÉ; COUSQUER, 1980).

CB/LRC: Então, após a pesquisa com Chapoulie, você não decidiu se especializar em um tema?

DM: Não. A dificuldade de codificar as CSP permaneceu na minha mente e eu tive que fazer rapidamente esse trabalho com os meus alunos da Paris I sobre a codificação da profissão dos pais. O primeiro texto que eu tirei disso está no livro de homenagens a Madeleine Grawitz. Então, eu pus isso em um artigo de Actes (Merllié, 1983). Eu achei a ideia bastante impertinente de mostrar que os dados em que se baseiam Les héritiers (Os herdeiros) eram na verdade bastante frágeis<sup>19</sup>.

CB/LRC: Mas de toda forma, muitas vezes há comentários impertinentes nos seus textos.

DM: Ah é? [risos]

CB/LRC: Mas voltando à orientação do seu trabalho. Há um paradoxo aparente, porque as suas observações sobre a construção estatística são, muitas vezes, mais avançadas do que as encontradas, por exemplo, em Thévenot e Desrosières<sup>20</sup>, e você não é estatístico de profissão.

DM: Sim, além disso, eu me lembro que Thévenot dizia um pouco em tom de piada que eu era realmente um “arruaceiro” [risos]. Em particular, este trabalho sobre os estudantes: eu o apresentei em um pequeno evento que eles tinham organizado no mesmo momento do lançamento da nova versão das CSP. Mas a minha motivação sempre foi tentar entender como as coisas funcionam quando eu estou trabalhando em um tema.

CB/LRC: Esta orientação sobre a desmontagem das estatísticas tem algo a ver com Cicourel, que você citou muitas vezes nos seus textos?

DM: Eu não me lembro. Talvez tenha a ver com Chapoulie, que leu muito os americanos. Isso não me marcou.

CB/LRC: E a sua relação com Bourdieu?

DM: Sobre as minhas relações com Bourdieu, eu posso dizer duas coisas. A primeira é que, quando eu cheguei e ia fazer uma tese sob sua orientação, ele estava fazendo um seminário na École des Hautes Études e ele me disse assim: “Oh, não venha, o que eu estou dizendo não é interessante”, e eu levei isso a sério, e então eu ia para o seminário do centro, mas não para os da EHESS, nem para o Collège de France. Depois, quando ele e Passeron estavam escrevendo “A Reprodução”, Bourdieu me pediu para fazer comentários sobre os capítulos em preparação. E eu também tinha levado isso a sério, e então eu retomei os textos com observações sobre os pontos que eu não entendia, ou com sugestões. E, assim, eles gostaram do meu trabalho de leitura, a tal ponto que Bourdieu dizia: “eu quero que os outros não lhe façam ler muitas coisas para que você tenha tempo para os meus textos” [risos]. Então eu adquiri uma certa reputação como um leitor experiente. Mas, em geral, eu via Bourdieu muito pouco. O escritório dele estava aberto, mas eu evitava procurá-lo por motivos banais. Nós o vimos com Chapoulie no início da pesquisa sobre os professores, mas não fomos até ele pedir instruções. As minhas relações não eram muito intensas com ele. Talvez tenha vindo da minha parte, eu evitava em ter relações próximas, como aconteceu para algumas pessoas, e no final, rupturas violentas.

CB/LRC: Ele cita muito pouco o seu nome. Você fala disso em uma nota de rodapé do seu artigo de 1993<sup>21</sup>.

DM: Eu não me lembro mais, mas Bourdieu lia atentamente tudo o que saía em Actes. Eu tenho uma pequena anedota na memória: eu lhe encontrei na Casa das Ciências do Homem no mesmo tempo em que saiu o seu livro A dominação masculina, e ele me disse: “Eu citei o seu artigo sobre a escrita”.

21. Na primeira página do seu artigo “O trabalho das categorias estatísticas” (1993), Merllié escreveu: “Foi, por exemplo, um efeito inesperado dos [meus] trabalhos que constatei no texto onde Pierre Bourdieu indica que eles teriam contribuído para convencê-lo a publicar resultados de pesquisas que poderiam parecer fracos à luz dos padrões de instituições oficiais dotados de muitos meios”. O trecho de Bourdieu e Saint Martin é o seguinte: “Ajudados neste sentido pelos trabalhos críticos que foram dedicados às estatísticas administrativas [aqui referência a Merllié] e também, paradoxalmente, pela publicação desta ou daquela monografia que fornecia informações e confirmações preciosas à apreensão estrutural, nós acabamos superando a ansiedade positivista, que se alimentava do conhecimento do objecto para descobrir continuamente novas imperfeições do instrumento de conhecimento e que incentivou a multiplicação sem fim de novas pesquisas e a pesquisa dos dados de controlo, numa fuga para a frente sem outro efeito a não ser proibir a publicação” (Bourdieu, Pierre; Saint Martin, Monique de, 1987: 16).

CB/LRC: Este texto “Le sexe de l'écriture” (MERLLIÉ, 1990) também foi ditado pelas circunstâncias?

DM: Sim, começou do espanto depois da observação de um colega que, ao ver cópias que eu corrigia, exclamou: “Oh, bela escrita feminina!”. Eu lhe disse: “Ah, você faz a diferença?”. Eu nunca tinha me perguntado sobre isso, mas eu decidi pesquisar. E logo depois (em 1986 ou 1987) eu recebi uma bolsa do Instituto Universitário de Florença, isso me permitiu envolver estudantes de diferentes nacionalidades na pesquisa.

CB/LRC: Você mobiliza a noção de habitus neste texto. No entanto, não se encontra, ou quase não se encontra, a de campo nas suas publicações. Podemos finalmente dizer que você é bourdieusiano?

DM: Bem, eu acho que não é tão óbvio.

CB/LRC: E as suas relações com Desrosières e Thévenot?

DM: Nós tínhamos boas relações. Eu os vi bastante no momento dos trabalhos deles sobre os CSP. Eu me lembro que Desrosières me mostrou uma cópia que ele tinha feito do meu primeiro artigo sobre o assunto. Então eles estavam interessados em mim e eu estava interessado neles.

CB/LRC: No entanto, eles não citam o seu nome ou muito pouco.

DM: Ah é ? Nunca pensei nisso...

CB/LRC: De toda forma, a sua visão sobre as estatísticas não é a mesma da deles, já que o INSEE está preocupado em produzir números, enquanto você está mais do lado do usuário dos dados que quer saber como os resultados são produzidos.

DM: Sim, talvez se possa dizer isso. Mas eles também criticam o uso positivista. Eles só acrescentam que são coisas que funcionam, que há “coisas que fazem sentido”. É verdade que eles são muito pouco críticos.

CB/LRC: Talvez eles não possam ser ao mesmo tempo produtores e críticos radicais?

DM: Sim, mas, por outro lado, Desrosières tinha uma posição um pouco especial no



INSEE. Ele não produzia enquetes, pelo menos em toda a fase em que ele se tornou um pouco especialista nesta questão da construção estatísticas.

CB/LRC: De toda forma, você é mais crítico do que eles.

DM: Sim, talvez. De toda forma, eu digo que é preciso reconstituir todo o processo de construção e depois questionar os números de forma diferente.

CB/LRC: Exceto no seu texto de 2007 publicado no Portrait social de la France, no qual você propõe uma análise estatística e sociológica mais clássica sobre os efeitos do tamanho da família na mobilidade social (MERLLIÉ; MONSO, 2007).

DM: Sim, esta pesquisa me deu muito trabalho. Trata-se de um tema que eu já tinha observado antes, já que era uma história antiga sobre a mobilidade social. Eu não tratei desse tema sozinho, eu fiz a pesquisa com Olivier Monso, que aplicava os métodos dos estudos do INSEE. Mas as técnicas estatísticas que ele usava, eu não sabia como desmontá-las nem realmente como usá-las. A colaboração foi, portanto, um pouco engenhosa e não óbvia. De toda forma, às vezes, nós trabalhamos a noite toda nesses dados.

CB/LRC: Foi uma extensão do seu trabalho sobre a mobilidade social?

DM: Sim, eu comecei escrevendo um pequeno livro na coleção “Repères”, depois eu o aumentei com uma obra mais completa (MERLLIÉ; PRÉVÔT, 1991) (MERLLIÉ, 1994).

CB/LRC: E quais eram as suas intenções neste projeto?

DM: As minhas intenções eram essencialmente de fazer um balanço, pois havia aquilo que se pode chamar um paradigma, isto é, uma espécie de tradição que se tinha criado e era repetida em vários países. E me pareceu interessante ver como se formou e o que se podia obter analisando-o. ... Na verdade, eu coloco muita ênfase no que pode ser feito com esses materiais. Para interpretar os resultados, você precisa estar ciente do que eles podem dar e o que eles não podem dar. E foi a ocasião para refletir sobre a forma particular da tabela de mobilidade social, que tem a particularidade de cruzar duas vezes uma variável delicada. Apliquei esse

tipo de questionamento a coisas que não são apenas tabelas de mobilidade social, por exemplo, sobre a variabilidade das CSP, especialmente em um artigo publicado na revista *Population* (MERLLIÉ, 1990b). Finalmente, eu retomei tudo isso em um longo capítulo inserido no manual que eu escrevi com Champagne, Lenoir e Pinto (CHAMPAGNE; LENOIR; MERLLIÉ; PINTO, 1989).

CB/LRC: Finalmente, se assumirmos a posição do utilizador das estatísticas, como é que este último pode se beneficiar do seu ponto de vista?

DM: Não há uma resposta óbvia. Pode haver a leitura radical de quem diz: “Desconstruo tudo e depois não fica nada”, isto é: não se pode dar crédito a “aquelas coisas que parecem fazer sentido”, para falar como Desrosières (DESROSIÈRES, 1989). Mas a minha ideia é mais de não ser crítico no sentido de uma desconstrução completa e acrescentar pelo menos, na análise do objeto, a análise da própria construção estatística. Descobri, por exemplo, no caso do suicídio, que o que é preciso ser dito não é que não se pode tirar nada das estatísticas do suicídio, mas ver como essas estatísticas são elas próprias um objeto social que diz algo sobre a percepção social do suicídio. Este tipo de ideias me levou, por exemplo, a criticar Claude Thélot, que é bastante positivista em alguns dos seus textos, com uma espécie de defesa da instituição (MERLLIÉ, 1988). E, assim, eu digo aos estatísticos: o trabalho que vocês fizeram é um trabalho que é interessante analisar, porque ele diz algo sobre a sociedade a que vocês pertencem ao mesmo tempo em que ele aprende sobre o objeto estudado.

CB/LRC: O que você diria a um utilizador de dados que gostaria de usar, por exemplo, as estatísticas de suicídio?

DM: Efetivamente, as próprias estatísticas do suicídio são, na minha opinião, bastante problemáticas, pois não existe garantia da estabilidade das condições em que são recolhidas.

CB/LRC: Nem sempre podemos proceder como você fez com Chapoulie, ou depois como fizeram Briand, Chapoulie e Peretz (1979), e estudar o processo de produção de dados para corrigir as séries disponíveis de acordo com as nossas necessidades...

DM: Sim, e de toda forma, as condições são variáveis segundo o tipo de dados estatísticos, pois há o caso das estatísticas produzidas por uma instituição que seja

diretamente estatística como o INSEE ou indiretamente como o Ministério da Justiça ou da Educação, e depois há aquelas que podemos fazer nós mesmos através de uma pesquisa. Não é exatamente a mesma situação. As enquetes pessoais incidem sobre populações reduzidas, elas não têm a mesma pretensão à generalização que as enquetes de tipo administrativo, o que pode limitar a forma como se utilizam os resultados.

CB/LRC: Então, você tem alguma pista para avançar neste ponto ?

DM: Não, infelizmente, senão eu teria feito [risos]. E, de toda forma, na última parte da minha carreira, eu me interessei por outra coisa, especialmente a obra de Levy-Bruhl. Eu acho que é um vício frequente dos pesquisadores que acabam por se debruçar sobre a história da sua disciplina. No meu caso, isso foi feito, mais uma vez, como resultado de um acidente biográfico. Eu estou associado à *La Revue Philosophique* (Revista Filosófica) desde 1970. Eu tinha perguntado a Bourdieu o que ele pensava disso, na época, e ele me respondeu: “Não tem grande interesse, mas pode ir”. E então um dia Yvon Brès, que era o diretor da revista, organizou os arquivos e encontrou uma carta de Levy-Bruhl, eu não estava interessado neste autor, do qual eu tinha uma imagem estereotipada e negativa, mas eu li esta carta e descobri que não correspondia em nada ao Levy-Bruhl que eu tinha em mente. Foi uma carta muito interessante dirigida a Evans Pritchard, que já tinha sido publicada em inglês e depois em francês (Lévy-Bruhl, 1952; 1957). Ora, como Levy-Bruhl tinha sido ele mesmo diretor da revista, valeu a pena propor um número reexaminando a sua obra para o cinquentenário da sua morte (1989). Eu tive dificuldade em encontrar pessoas que se interessassem nisso e, portanto, fiz grande parte do trabalho, em particular uma verdadeira bibliografia. Em seguida, um dos autores interessados no projeto entrou em contato com os netos de Levy-Bruhl. Mas eles estavam irritados com as últimas publicações sobre o seu avô, especialmente pela introdução muito crítica de Louis Vincent Thomas para a reedição de *La mentalité primitive*<sup>22</sup> (A mentalidade primitiva). Eu fui levado a vê-los e os tranquilizei. Eu consegui ter acesso a algumas cartas de Durkheim a Levy-Bruhl, que eu publiquei e comentei em um dos artigos do número especial da revista<sup>23</sup>. Tudo isso me custou um trabalho considerável, mas uma das consequências é que me tornei, pelo menos naquele momento, o especialista de Levy-Bruhl. Isso, sem dúvida, ajudou a redescobrir este autor sobre o qual teses foram defendidas desde então.

CB/LRC: Afinal o seu percurso não é do tipo que as bancas de seleção apreciam...

DM: Sim, há um pequeno lado instável. E, quando eu tive que escrever um resumo

22. Trata-se da reedição de 1976, na qual o antropólogo Louis-Vincent Thomas escreve especialmente que a obra de Levy-Bruhl constitui “um erro singular, a este título mais interessante para o desenvolvimento da antropologia do que uma verdade banal, mas mesmo assim um erro” (Thomas, 1976: 27). Sobre as leituras deturpadas de Levy-Bruhl: (Merlié, 1993b).

23. *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vol. 179, n° 4, “Autour de Lucien Levy-Bruhl” com artigos de Dominique Merlié, Jean-Pierre Cavaillé, Bernard Bourgeois, Paul Jorion e Pascal Engel, textos de Levy-Bruhl e extratos da sua correspondência.

para a minha tese de habilitação, tive muita dificuldade em encontrar consistência através dos vários objetos de pesquisa... Mas todas as vezes, ao longo deste percurso, eu tentei aprofundar as coisas sobre cada assunto... Quando a lebre é levantada, você tem que ir até o fim da caça.

## Referências

Bourdieu, Pierre; Passeron, Jean-Claude. *Les héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Ed. de Minuit, 1964.

Bourdieu, Pierre; Saint Martin, Monique de. Agrégation et ségrégation. Le champ des grandes écoles et le champ du pouvoir. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 69, 1987, p. 2-50, ici p. 16.

Briand, Jean-Pierre; Chapoulie, Jean-Michel; Peretz, Henri. Les statistiques scolaires comme représentation et comme activité. *Revue française de sociologie*, vol. 20, n° 4, 1979, p. 669-702.

Champagne, Patrick; Lenoir, Rémi; Merllié, Dominique; Pinto, Louis. *Initiation à la pratique sociologique*. Paris : Dunod, 1989.

Chapoulie, Jean-Michel. Le corps professoral dans la structure de classe. *Revue française de Sociologie*, vol 15, n° 2, 1974, p. 155-200.

Chapoulie, Jean-Michel. Un type d'explication en sociologie: les systèmes de variables en relations causales. *Revue Française de Sociologie*, vol. 10, n° 3, 1969, p. 333-351.

Chapoulie, Jean-Michel; Merllié, Dominique. Le recrutement des professeurs de l'enseignement secondaire. I. Les déterminants objectifs de l'accès au professorat. *Revue française de sociologie*, vol. 16, n° 4, 1975, p.439-484.

Desrosières, Alain. Comment faire des choses qui tiennent: histoire sociale et statistique. *Histoire & Mesure*, vol. 4, n° 3-4, 1989, p. 225-242.

Girard, Alain. *Le choix du conjoint. Une enquête psycho-sociologique en France*. Paris: PUF, 1964.

Lévy-Bruhl, Lucien. A Letter to E. E. Evans-Pritchard. *The British Journal of Sociology*,

vol. 3, n° 2, 1952, p. 117-123.

Lévy-Bruhl, Lucien. Une lettre de Lucien Lévy-Bruhl au professeur Evans Pritchard. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, vol. 147, 1957 p. 407-413.

MerlliÉ, Dominique. *Les professeurs de l'enseignement du second degré*, Paris, C.S.E.C., novembro de 1971, 101p.

MerlliÉ, Dominique. *Les déterminants sociaux et scolaires des pratiques professionnelles des enseignants du second degré*, Paris, C.S.E.C, junho de 1974, p.189.

MerlliÉ, Dominique. Psychologie et mobilité sociale. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 1, n° 3, 1975, p. 94-105.

MerlliÉ, Dominique ; Cousquer, Jean-Yves. Mariage et relations familiales dans l'aristocratie rurale: deux entretiens. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 31, 1980, p. 22-34.

MerlliÉ, Dominique. Sur la production de données statistiques: l'origine sociale des étudiants. *Etudes dédiées à Madeleine Grawitz*. Paris: Dalloz, 1982.

MerlliÉ, Dominique. Une nomenclature et sa mise en œuvre. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 50, 1983, p. 3-47.

MerlliÉ, Dominique. *Les professeurs de l'enseignement secondaire. Un métier de classes moyennes*. Éd. de la Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

MerlliÉ, Dominique. Que mesure la statistique?. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 73, n° 2, 1988, p. 94-96.

MerlliÉ, Dominique. Le sexe de l'écriture. *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 83, 1990, p. 40-51.

MerlliÉ, Dominique. Les catégories socio-professionnelles à l'épreuve de la réitération: une mesure de la fidélité du classement dans une enquête administrative, *Population*, vol. 45, n° 6, 1990b, p. 1037-1064.

MerlliÉ, Dominique. Le travail des catégories statistiques. *Sociétés contemporaines* n° 14-15, 1993, p. 149-163.

MerlliÉ, Dominique. Regards sur Lucien Lévy-Bruhl: le jeu des malentendus. *Regards sociologiques*, Université Strasbourg II, n° 5, 1993b, p. 1-8

MerlliÉ, Dominique. *Les enquêtes de mobilité sociale*. Paris: PUF, 1994.

MerlliÉ, Dominique; Monso, Olivier. La destinée sociale varie avec le nombre de frères et sœurs. *France portrait social*. Paris: INSEE, 2007, p. 135-153.

MerlliÉ, Dominique; Prévôt, Jean. *La mobilité sociale*. Paris, La découverte, "Repères", 1991.

THOMAS, Louis-Vincent. "Lucien Lévy-Bruhl: l'origine de l'anthropologie moderne", Préface au livre de Lucien Lévy-Bruhl. *La mentalité primitive*. Paris: Retz, 1976, p. 13-27



Este es un artículo publicado en acceso abierto bajo la licencia Creative Commons Attribution, que permite el uso, distribución y reproducción en cualquier medio, sin restricciones, siempre que se cite correctamente la obra original.